

TURIÃO

Novela inédita de GUILHERMINA DE AZEREDO

Todos os dias, percorrendo o caminho até à margem do rio grande, o pescador passava perto da cabana de Curico, seu inimigo fidalgo. Surgia nas dobras da lombeira, pela verdezinha sombreada e retorcida em coleiros, arrastando a perna monstruosa à prova de jacaré e pigarreando seu bocado, quasi derreado pelo canço ou pelas rédeas no dependúrio.

Mal o presentia, Curico assomava à entrada. Ao rilhar do cachimbo, franzia os lábios descadados, a face aberta num riso escarinho e mau; cuspinhava à direita e à esquerda como se tivesse grande nojo e as suas pupilas e até a sua pele permaguinha, de um amarelo mais que torrado, lampejavam do fogo do inferno, virando a cor como os lagartos das pedras.

Turião seguia seu caminho sem mais aquelas, no mesmo passo indolente e do mesmo modo balanceado, a asobiar modinhas sertanejas:

Minha terra
Ai-u-ê! Ai-u-ê
Onde canta o ocibó!
Ai-u-ê! Ai-u-ê!

Se adregava encontrar, adiante, gente do quimbo ou moça na faina das arribas, abrandava a marcha e elevava a voz de contrabaixo. Era então um nunca acabar de perguntas e respostas:

— Como vaia? De onde vens?

Que viste? Que fazes? Que há de novo?

E sem parar, o seu vozeario rebouva pelo mato em gargalhadas fundas e espaçadas.

— Ó! Ó! Ó! Mês... queres peixe? Um presentinho, ãh!

Peixe num cai no réde! Peixe andar no muito esperto!

O outro via-o desaparecer entre os arbustos ou nos terrenos suaves da última naca, lá mais para baixo entre capinzal pragamoso. A alegria mansa de Turião fritava-o; seguia-lhe os passos pelo ondular das espigas e corimbos amarelados, pelos gritos selvagens lançados aqui e ali ao longo do riacho.

Por fim, despegava-se daquela visão, refinia as cordas de landobe, metia à cinta o perreinho e a machadinha e lá ia defrontar-se com o velho.

Quando Turião chegava ao agude, já Curico alapado na outra margem há muito vigiava, a cabeça ardendo debaixo da esturreira. E, a seguir, era todos os dias a mesma cena; os dois homens avançavam de um lado e do outro do molhe, Turião parava à entrada, erguia o braço e botava fala:

— Sr. Jacaré! Saiba que já meu avô era pescador e nunca bicho deste rio se motou com o seu feitigo. Ora fique-se assim... Perna de Turião nunca foi para o seu dente, ouvia?

E dizendo isto erguia do canço os belos peixes que abundavam do seu lado e fugiam das algas de Curico.

Depois, os pescadores viravam-se as costas, cada qual para o seu lado na faina da pesca à chumbeira, não sem que primeiro Turião sentenciasse convicto:

— Nuno Sinhê ajuda quem tem coração limpo! 'Stá 'l!

Todo mundo pode vê!

O que ia na alma de Curico era inveja, «chipúru» puro e simples, inspirador de ódios e ruins paixões.

Porque Turião, mesmo assim, fora seu mestre na arte.

Mostrara-lhe como o branco atrai as rédeas pelos bordos remansados sobre as belas carpas prateadas; calra em o armar na compositura dos canços e «chiengos»; correrá uns quilómetros abaixo e acima indicando os melhores peixes e os rápidos mais acertados e fáceis para a montagem em melhores águas e represas. Tudo isso, que êle coçara nos outros com tanta habilidade, ou, debruçado dias e dias sobre a corrente, soubera adivinhar, êle Curico aprendera num rufo. O rio não tinha segredos. Pelo borbulhar das lagôas sabia dos cardumes; roteava a marcha dos peixes seguindo as crispações da superfície, ou mais ainda, nos planos varados pelo sol, esperava que piciassem o lambiaco, horas seguidas, accorrido.

Até o escojuro contra o jacaré cobarde e traçoireiro, o caminho da subida e da descida do peixe, a época própria, as manhas, os costumes de certas espécies que só abundam onde crescem ervinhas e limos raros ou nos fundões negros e lodosos, êle de bom grado ensinara aquele filho do seu coração.

E como lhe pagava agora?

Assim! Pior que bicho!

Curico morria-se de raiva surda por aquela superioridade do «messês», por aquele poder interior — feitigo grande — que atraiá lá do fundo dos abismos para os seus canços e as suas chumbeiras os belos peixes de escama ou barbos viscosos.

Aquilo sim, metia chuba.

///

Já o rio ia baixo e manso como um córrego, espreguçando as águas em murmulhos brinçalhões. Pela terra ehã, cortada de profundas arribas, só os cançais impavim lódo em fora, de um verde mimoso e tenro que as queimadas tinham poupado.

E sobre êles, as viuvinhas esvoaçavam lentamente, a custo abrindo caudas tuçadas como cometas.

Que lindo mundo exótico! Que alvorço, que alegria!

As arvoretas pendidas debruçavam-se sobre a corrente; cada raminho, por mais leve que fosse, baloiçava ao sabor da brisa um ninho de tecido e do raizame ao léu saliam os pica-peixes cortando a água rasa e as galinhas pretas beberriando à margem.

Quebrado o encanto, pontinhas mimosas dos arbustos surgiam como a médo, pelas anharas côres flamejavam à tóa em clarões de brassa! Era uma maravilha nos pegos que se cobriam de rosas-de-água coalhadas em manchas amarelas e azuis, de enormes folhas verdes bolando e, nas lagôas, bandos de mergulhões brigavam às corridas enchendo de alacridade a planície deserta.

Um dia Turião chegou lá de baixo, a lembrar que era tempo!

As águas tinham outra vez, as chubvas não tardariam a vir e o peixe seguiria novo rumo para paragens longínquas e desconhecidas.

Quando é que falhava um aviso de Turião?

Por isso, logo de manhã duas moças pisaram «clembis» sobre as pedras e o pescador, verificados os preparativos, andou a espreatar as lagôas uma por uma, fechando a mais povoada do lado do rio.

A hora do sol todo o quimbo estava ali reunido. Mulheres desciam pela encosta numa bicha interminável com os cêstos enormes de boca larga — «chiengos» — erguidos à cabeça; crianças e cânémas de pomos tatuados e homens e rapazes de arco e seta formavam à margem um renque negro.

— Vá, firme! gritava Turião.

Avancem as mulheres! Espalhem trovisco!

(Continua na página seguinte)

● TURIÃO - Novela por GUILHERMINA DE AZEREDO

(Continuação da página anterior)

E um matula de ébano metido à água, nadava lentamente em ritmos de liturgia, fazendo voltear um dos «chiengos» cheio de ervas pisadas que deixava à superfície um lastro esverdungado.

Já para as margens fugiam miríades de peixinhos; muitos, virados de barriga para o ar, eram apanhados à mão pelos garotos. O entusiasmo comunicava-se, as mulheres riam, os homens soltavam gritos selvagens num babarêu infernal. Era a festa pagã do rio, a natureza primitiva do homem dando largas à sua alegria simples.

Mas só ao fim de tempo o trovisco deu efeito. Então os peixes, cabeças erguidas fóra de água, espadanando a tóda a velocidade, procuravam refúgio seguro que os livrasse do veneno. Os negros apontavam, as setas choviam e os barbos debatendo-se galgavam a lagôa de lés a lés, numa vertigem louca, levantando ondas de espuma.

Perto da embocadura as mulheres afundavam os fugitivos. nham os fugitivos.

— I... Santo Deus, que farturinha!

Mas, só ao fim da tarde surgiu das pedras uma peça maravilhosa e gigantesca, de costado negro e barbichas compridas.

Aquele, sim, pertencia aos pescadores.

Turião e Curico faziam prodígios de agilidade, até que uma, duas setas, cravadas fundo, feriram de morte.

O barbo reagiu. Cortava a água como um raio, a cauda em vibrações espasmódicas; erguia-se todo a prumo, dava saltos prodigiosos.

Por fim, exausto, ficou estendido a todo o comprimento.

E logo ali o ódio dos pescadores explodiu numa grande tempestade.

Turião afirmava que o peixe era dêle; a seta de Curico também atingira a presa na cabeça. Mas o emêssênês, tirando desfôrço habilidoso, destruía todos os seus raciocínios.

Então com a barriga aberta o peixe podia viver?

— Diz! Anda! Fala!

Não iria para um nem para outro, cada qual receberia a sua metade.

E, êle mesmo, com a sua faca, partiu o barbo e distribuiu os bocados.

* * *

No dia seguinte. Turião e Curico encontraram-se à mesma hora ambos na lagôa ao respigo. Depois foram pelo agudê. Turião tinha dois barbos; Curico absolutamente nada.

— Vês?, É castigo.

Curico, porém, estava calmo.

Que se deixasse disso! Para quê andar com questões? Não era?

Bebesse antes um pouco de cachaça para matar o bicho.

Sentaram-se ambos nas pedras. O rio escachoava em gorgolejos, lambendo-lhes os pés, para logo ali se estender nas margens sobre a areia fina e clara. Tudo quanto os olhos alcançavam ria, ria inundado de sol, poeirado de oiro, quasi fulgindo na tepidez cariciosa da manhã. Sentia-se a paz que penetrava as coisas e os seres.

— Pois era! Rio chegava para ambos. Sim senhor, que fossem amigos. E Turião gargalhava já alegrote, beberricando sempre da cabaça.

Aquela, sim, era boa!

Ficou-se em silêncio, a olhar a água... o céu...

Penhascos reboludos de uma ilhota dividiam o rio em dois braços preguiçosos. Era ali que as perneltas e as cegonhas se extasiavam, borrachos de luz e de sol, espanejando as asas compridas com uma pata levantada e imóvel.

Turião estendeu as mãos ao inimigo.

— Acabou-se o «chípárufo», home!

Foi colocar outra vez o canço no seu lugar, galgou o pegão de calhaus, debruçou-se sobre a água e pegou das cordas...

Mas ao tempo, a corrente, pareceu-lhe atraí-lo de cabeça com uma força a que os seus membros chumbados não resistiam. E, aterrado, veio-lhe a noção exacta do perigo; viu num lampejo de lucidez a sua perdição.

Ante o assombro não reagiu.

Depois a terra fugia-lhe, os calhaus rolavam, sentiu o vácuo. Todas as suas forças eram impotentes para vencer a inércia, deixava de existir, e o seu corpo pesado, enorme chapinho no pégo, de bruços, com os braços abertos quasi hirtos.

Um instante a água negra borbulhou aos arrepios, a cegonha abriu as asas com um guincho estridulo e riscou o espaço...

Mais nada...

A par de Deus sobre a terra, um sol esbrasecante causticando a Natureza adormecida e sobre o penedo a mesma cegonha outra vez extasiada, e sobre os canilais verdes as mesmas vivinhas arrastando o seu luto pesado e a sua tristeza pungitiva contra o azul limpo de nuvens e nimbado pelo mistério daquele país de superstições...